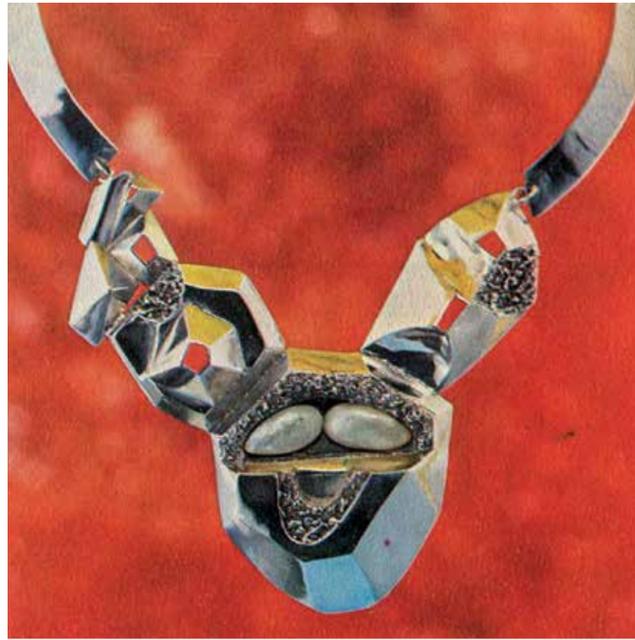


esculturas para vestir



A trajetória da Bienal de Arte de São Paulo vem sendo contada e recontada por vários autores, em mídias diversas. Um dos aspectos de sua história, contudo, ainda não recebeu as luzes que merece: o prêmio instituído pela direção da Bienal aos melhores criadores de joias. Ele durou apenas algumas edições, entre as décadas de 1960 e 70, mas o suficiente para apontar nomes que estavam revolucionando o setor até então dominado pelas formas do passado, com seus volteios e excessos estilísticos que serviam apenas para os desejos de ostentação.

Os contemplados representam duas vertentes. Uma é a dos artistas com obra múltipla, que além de esculturas, desenhos ou pinturas também criavam joias. É o caso de Roberto Burle Marx, que participou da exposição da 7ª Bienal, mais conhecido como paisagista e cuja atuação plural foge às classificações. Ele se valia dos conhecimentos técnicos de seu irmão Haroldo, gemólogo, para alçar voo a partir de 1948 na criação de brincos, anéis e colares. Entre seus mais de dois mil desenhos de joias, vários lembram os projetos de jardins, pelos frequentes traços orgânicos e sinuosos e pela exploração das cores – no caso, das pedras brasileiras que utilizava.

É o caso também de Amelia Toledo. O crítico Agnaldo Farias, em livro sobre Toledo, afirma: “A sua extensa produção de joias está longe de ser um dado marginal, uma intercorrência resultante da necessidade de ganhar dinheiro. Anéis, pulseiras, braceletes e colares, em vez de cumprir apenas o ancestral mister de adornar os colos, os cabelos e os pulsos das mulheres, foram um produtivo pretexto para que a artista enfrentasse questões construtivas, fabricasse ‘maquetes’ em escala real, engendrasses curiosas proposições espaciais”.

A outra vertente é a dos criadores voltados exclusiva ou principalmente às joias. É esse o caso de Bobby Stepanenko, Caio Mourão e Ricardo Mattar, entre outros. O prêmio foi decisivo para o impulso à carreira de nomes então iniciantes e que continuam na ativa, como Clementina Duarte (ganhadora em 1971) e Miriam Mamber (Bienal de 1973). Clementina ganhou com um colar em chapas de prata martelada, feito de um jogo sinuoso e orgânico de superfícies côncavas e vazadas, em formas orgânicas, que caracterizou as primeiras décadas de sua trajetória. Miriam, na casa dos 20 anos de idade, já surpreendia pela capacidade de criar obras versáteis e mutáveis, que seriam “finalizadas” pela pessoa que a usasse.

A ideia da instituição de um prêmio para joias foi apresentada a Cicillo Matarazzo por Livio Levi, ele também atuante na área. Arquiteto e primeiro lighting designer que o Brasil teve, Levi contagiou seus alunos com sua paixão, nas aulas na Universidade Mackenzie. Um dos mais destacados era Renato Wagner, que em 1969, aos 24 anos, ganhou a medalha de ouro da Bienal por um conjunto de 16 obras em prata, com aplicações de pérolas, limalhas e outros materiais. Wagner organizou o livro *Joia Contemporânea Brasileira*, lançado em 1980, em que apresenta 41 criadores, muitos deles premiados na Bienal, como Pedro Correia de Araujo, Remy Golcman e Ulla Johnsen, também ganhadores de medalhas de ouro. Wagner continua na ativa, em um ateliê no bairro do Morumbi. Nas três bancadas de ourives que trabalham para ele, a produção é de 10 a 20 peças por mês.

Os jornais da época abriam muitas páginas a essas nascentes joias de autor, grande parte declaradamente inspirada na cultura brasileira. Recortes do *Jornal da Tarde* e da *Folha de S. Paulo*, reunidos em um dossiê do Arquivo Bienal, mostram assombro diante da joia não mais atrelada exclusivamente a materiais preciosos, destacando o uso de acrílico e palhas, por exemplo, e nomes que fizeram da experimentação de materiais um campo de pesquisa, como Nelson Alvim. A imprensa também abria espaço para fotos ousadas, como um colar mostrado nas costas nuas de uma modelo.

A iniciativa da Bienal de colocar no mesmo nível as assim chamadas “fine arts” e as “artes aplicadas” só encontra paralelo na visão curatorial de Pietro e Lina Bardi à frente do Museu de Arte de São Paulo (Masp). Vários dos profissionais que ganharam prêmios na Bienal já tinham integrado ou viriam a integrar as várias exposições coletivas de artistas joalheiros realizadas pelo museu paulistano. Pena que essas ações foram descontinuadas.

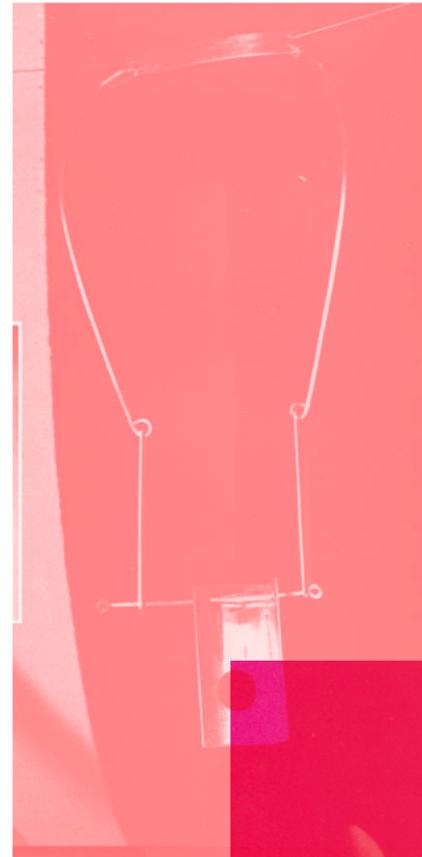
Hoje, convivem no segmento veteranos como o escultor Sérvulo Esmeraldo, releituras de obras de artistas como Luiz Sacilotto (produzidas por Áurea Sacilotto) e uma nova geração de designers que passaram a explorar as possibilidades abertas pelas tecnologias digitais para a produção de joias. Eles também merecem visibilidade e incentivo.

Adélia Borges é crítica e curadora especializada em design.

Por Adélia Borges
Fotos: Cortesia Miriam Mamber e reprodução de livros: *Joia Contemporânea Brasileira*, autor Renato Wagner; *Clementina Duarte: A Arte e o Design da Joia Moderna Brasileira*; *Amelia Toledo: As Naturezas do Artífício*, autor Agnaldo Farias



“entre as décadas de 1960 e 70, a bienal instituiu um prêmio para os melhores criadores de joias, aproximando a ‘arte aplicada’ e as chamadas ‘fine arts’”



Acima, colar criado pela artista Amelia Toledo. No alto, joia de Renato Wagner. Em rosa, peças de Clementina Duarte, vencedoras na 11ª Bienal. Na página ao lado, em laranja, brinco e colar de Renato Wagner, medalha de ouro na 10ª Bienal; e pulseira de Miriam Mamber, vencedora na 12ª Bienal (no alto). Por fim, colar de ouro e água-marinha de Roberto Burle Marx.

